

Jorge de Oliveira

O LUME DE NATAL NAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS E BEIRÃ

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÁN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 333-340

ابن مروان
IBN MARUÁN
Revista Cultural do Concelho de Marvão



Título
**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

75

25

5

0

Jorge de Oliveira

(CHAIA / Univ. de Évora)



O LUME DE NATAL NAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS E BEIRÃ

Nos meus tempos de criança, nem sei se era o Lume de Natal e a Missa do Galo, se as prendas que o Menino Jesus me trazia que mais me encantavam. Provavelmente era tudo junto. Era uma noite única. Todo o largo da Igreja se iluminava com o grande monte de lenha a arder, as pessoas à sua volta iam-se rodando, quais frangos a assar no espeto, para que o calor fosse mais distribuído pelo corpo. Mas a preparação do Lume de Natal começava para aí duas semanas antes, ou às vezes mais cedo ainda. Jovens e menos jovens iam "farejando" os campos à volta da aldeia para localizar pernadas caídas e, nalguns casos mais raros, alguma casa agrícola que tivesse à mão uns feixes de chamiços, ou de giesta e se, por acaso, algum bom monte de lenha que por lá estivesse também ficava registado.

À medida que a noite de 24 de Dezembro se aproximava os mais velhos começavam a organizar-se para irem pedir ao Sr. Pinto, Gerente do Grémio da Lavoura, o tractor e reboque que iria ser conduzido pelo Sr. João Mota, para no fim do dia de trabalho se ir à lenha. No meu tempo já era raro utilizar-se alguma carroça para esse fim, transporte comum em épocas anteriores.

Eventualmente, algum lavrador das redondezas para evitar que lhe entrássemos pelas suas terras a roubar algum tronco adiantava-se, e ele próprio, na sua carrocita ou mais modernamente numa camioneta se encarregava de vir descarregar, qual dádiva, alguma lenha no centro do largo da aldeia. Quando as condições estavam preparadas e o Sr. Pinto tivesse dado autorização para o tractor do Grémio poder sair, autorização que, para mostrar quem mandava, nem sempre correspondia à nossa ansiedade e lá se subia para cima do tractor. Às vezes, outros carros e motorizadas iam atrás para trazer o pessoal quando o atrelado já estivesse carregado de lenha e ninguém se entalar. E lá se partia para o campo em busca dos locais já anteriormente identificados. Algumas vezes era necessário desmontar paredes de pedra seca para o tractor poder entrar nas propriedades sem que o dono desconfiasse e depois de alguma pernada já carregada novamente se refazia o muro. Outras vezes eram os próprios donos que chamavam a



Transporte privado de lenha para o Lume de Natal em Santo António das Areias (anos 80 do séc. xx)

"malta da lenha" para lhes ir carregar esta ou aquela árvore seca. Geralmente saía-se para ir à lenha depois das 18h e regressava-se já noite dentro. Mais cedo não podia ser, porque todos trabalhavam e o tractor do Grémio e o seu motorista, o Sr. João Mota, só era dispensado depois de mais um dia de trabalho. De quando em vez, sobretudo quando o Inverno era muito chuvoso e os campos estavam alagados, lá se atascava o



Tractor do Grémio da Lavoura que tantas vezes guiado pelo Sr. João Mota transportou a lenha para o Lume de Natal, aqui simbolicamente guiado pelo Sr. José Boto

tractor, mas à força de braços, porque éramos muitos, tudo voltava à estrada. Noite, atrás de noite, ia-se enchendo o largo com lenha. Gaiatos, jovens e menos jovens, todos se disponibilizavam para irem à lenha. Era trabalho para homens, não me lembro de alguma vez alguma mulher ter aparecido para ir à lenha. De lanterna na mão iluminavam-se, à vez, os que carregavam os madeiros para cima do atrelado. À voz sábia do motorista que conhecia, como ninguém, a força do velho

inho Massey Ferguson, de cor vermelha já queimada pelos anos de trabalho, parava-se de carregar lenha e lá se voltava ao largo da igreja com mais uma carrada. Todos os anos tinha que ser maior que no passado. Madeiros já havia que chegasse para este ano, mas era necessária alguma lenha miúda e sobretudo giestas e chamiços secos para atear bem o lume. Agora, já sem necessidade do tractor, a rapaziada mais nova encarregava-se de trazer às costas esses feixes. Nos montes vizinhos, alguns proprietários, já conhecendo o que se passava em anos anteriores, colocavam logo junto ao portão das suas propriedades alguns feixes, fingindo que nada sabiam, e que nós sorratamente íamos "roubar". E assim se ia compondo o monte de lenha no largo da Igreja. Era fruto do trabalho de toda a comunidade, dos que ofereciam, dos que carregavam e dos que simpaticamente se deixavam "roubar". Só me lembro de uma única vez o proprietário se ter zangado connosco por lhe roubarmos um feixe de chamiços, foi o inigualável José Augusto Simões, personagem inconfundível e de grandes posses, mas que quase na miséria vivia, para não gastar dinheiro. Justificava uma nota biográfica onde se relatassem as suas histórias e aventuras e também a grande desventura do Ti Simões, mas isso ficará para outra altura.

Com alguns dias de antecedência já o volumoso monte de lenha estava pronto para ser consumido naquela noite mágica que se aproximava. Os comentários iam-se se sucedendo dos que à sua volta passavam. Este ano a lenha é sã e vai durar toda a noite, outros argumentavam que alguns toros estavam ocos e que ardiam rapidamente, outra voz opinava que seria melhor ir ainda buscar mais alguma lenha, outros diziam que não podia ser porque se o lume fosse muito grande podia estourar com as vidraças das casas vizinhas. Cada cabeça sua sentença. Houve um ano em que chegou um novo cabo da GNR alguns dias antes do Natal. Com a autoridade que as divisas de cabo lhe conferiam começou a querer averiguar quem tinha autorizado aquele depósito de

lenha naquele espaço e quem se responsabilizava por alguma ocorrência que pudesse advir de tão grande lume. Bem indagava o cabo a cada um que encontrava. Ninguém sabia de nada, nem quem mandou buscar a lenha, nem quem a lá colocou, nem de onde veio, ninguém sabia de nada. Na Junta de Freguesia não sabiam responder às perguntas da autoridade máxima da terra. Foi falar com o Regedor, o Sr. Gavancha, que lhe respondeu que ainda nem se tinha apercebido do monte de lenha que estava mesmo em frente à sua casa, coisa estranha! O novel Xerife regressou ao quartel e manteve-se à espera de notícias. Alguém lhe sussurrou que o lume era aceso por volta das 21 horas. Sai o cabo do quartel acompanhado por uma patrulha alguns minutos antes das nove, para ver se apanhava quem ia acender o lume... chegou tarde demais. Nessa noite o meu pai apressou-se a acender o fósforo e o lume já crepitava, envolto por várias pessoas, quando as autoridades chegaram. Todos quantos lá estavam, nada tinham visto, porque quando lá chegaram já o lume ardia, assim disseram ao cabo, que regressou apressadamente ao quartel. No ano seguinte, percebendo que com tradições a autoridade não se deve meter, ignorou completamente o assunto e vimo-lo, à paisana, a aquecer-se ao lume.



O acto simbólico e tradicional de acender o Lume de Santo António das Areias pelo Prof. Jorge de Oliveira e amigos (2007)

As gentes das redondezas começavam a chegar, lentamente, enquanto o lume já crepitava e as labaredas se alteavam aos céus. Às 9 badaladas do relógio da torre da Igreja acendia-se o lume. Sempre me lembro do meu pai o fazer e dizia-me que já anteriormente era competência do meu avô. Em casa, sempre ouvi dizer que o primeiro lume de Natal do concelho começou no Largo da Igreja da Escusa, e faz todo o sentido, se atendermos que a aldeia da Escusa é dos núcleos urbanos mais antigos da região. Contava-se, igualmente lá em casa, que teria sido o meu avô paterno, José Domingos de Oliveira, que quando veio da Escusa, onde dava aulas, para a Escola de Santo António das Areias, por volta de 1928, que terá promovido o início do lume de Natal em Santo António, tal como se fazia na aldeia de onde vinha e por essa razão era a ele que cabia a tarefa de acender o grande lume e, também, era das propriedades dele que vinha a maior parte da lenha. A tarefa que competia ao meu avô terá passado para o meu pai, não sei em que data, porque durante algum tempo, sobretudo, durante alguma parte do Estado Novo, foi competência da autoridade local, fosse da Junta, ou do Regedor. Mas, muitas vezes aconteceu, que os copitos a mais em estômagos mal aviados impulsionavam qualquer um, que fósforos tivesse, a acender o lume antes das nove badaladas e ninguém com isso se incomodava. O que era necessário é que o lume estivesse em pleno quando as doze badaladas soassem e a Missa do Galo se iniciasse.

Nos anos chuvosos, com a lenha molhada, nem os feixes giesta ardiam. Uma ou duas latas de óleo queimado e um pneu velho ajudavam a pegar o fogo. Com arte e engenho nunca o lume deixou de se acender. Lentamente, o volumoso grupo de gente que à volta do lume se aquecia, deslocava-se para dentro da Igreja. Lá à frente, junto às velhas grades de madeira que um "pós-modernista" padre mandou retirar, acotovelavam-se os gaiatos, junto ao Presépio, que nessa tarde tinha sido montado e onde o "Menino", em palhas deitado, reluzia de tanta manipulação ter sofrido ao longo dos anos. Atrás da pequenada, as senhoras. Algumas, com mais posses, nos seus próprios e reservados genoflexórios. Cá para trás, os homens apertavam-se, para todos poderem caber e na altura certa entoarem, desafinadamente, o costumeiro cântico ao Menino. No fim da Missa seguia-se o ancestral ritual de beijar o pé do Filho de Maria, seguro na mão esquerda do padre. Na mão direita, um lenço de linho bordado, era passado pelo pé do Menino após o beijo de cada freguês, assim se garantia que as bactérias e vírus inverniais se não transmitissem ao freguês que se seguia. À medida que a descontaminação continuava, os que já tinham beijado o Menino voltavam para próximo do lume aquecer os pés que, entretanto, se tinham regelado nos ladrilhos frios da Igreja. Requentadas as gentes, a miudagem entusiasmada forçava os pais a ir a casa para verem se o Menino Jesus já tinha deixado alguma coisa no sapatito que tinham colocado à chaminé. Os mais afoitos voltavam ao largo onde o lume continuava a aquecer corpos e almas, algumas já bem alcoolizadas, para mostrarem orgulhosos os brinquedos que, nessa noite mágica tinham aparecido à volta do sapatito. Nas famílias mais humildes as prendas, na maior parte dos casos, resumiam-se a um par de meias ou alguma bota invernal nova. A Casa Sequeira, em Santo António e as famílias Vivas e Carita, na Beirã, os grandes empregadores das freguesias, encarregavam-se de contribuir, geralmente com chocolates, para o Natal dos filhos dos seus empregados. Igualmente, alguns dias antes do Natal, a Casa Sequeira enviava



Lume de Natal de Santo António das Areias nos finais da década de 60 do Séc. XX

para a Escola Primária pares de pantufas e chocolates para serem distribuídos por todos os alunos da escola. Algumas dessas pantufas ficavam guardadas na instituição de ensino para quando, no Inverno, os que de mais longe vinham e chegavam todos molhados à escola pudessem, enquanto assistiam às aulas, calçar umas pantufas quentes e secas. À tarde, à hora da saída, já os sapatitos estavam secos e eram novamente trocados pelas pantufas.

A noite ia avançando e a criançada já ensonada, com as suas prendas bem apertadas no regaço, iam cambaleantes e sonhando regressando a casa onde a cama os esperava. Os mais velhos e resistentes, sobretudo nas noites em que a chuva não aparecia, continuavam quase até de madrugada à volta do lume. Alguma linguíça, ou toucinho, ainda frescos da recente matança, chegavam-se às brasas num qualquer espeto improvisado. O vinho não faltava, havia sempre alguém que o de cinco litros, encanastrado,

disponibilizava a quem queria arrefecer a garganta. Sem se perceber muito bem de onde tinha aparecido, uma garrafa de bagaço começava a rodar entre os que resistiam à volta do lume. Aqui e agora nem era necessário limpar o gargalo com o lenço de linho bordado que o padre tinha usado para desparasitar o pé do Menino, o álcool que iria escorrer pela garganta encarregava-se dessa purificação. Entre histórias de que antigamente é que se faziam grandes lumes, ou que antigamente é que era bom, porque se carregavam às costas os madeiros no próprio dia 24, o tempo ia passando e o álcool que aquecia por dentro e o lume por fora, iam empurrando para a cama, às vezes já altas horas da noite, os que tentavam permanecer mais algum tempo por ali. Na manhã seguinte, porque nalgumas casas o Menino Jesus só deixava as prendas enquanto a pequenada dormia, era o erguer cedo e correr para a chaminé da cozinha, com os olhos a brilhar e descobrir os encantos das prendas há muito desejadas. Os que só de manhã descobriam as prendas e os que já na noite anterior tinham sido visitados pelo Menino Jesus, corriam para o Largo da Igreja com os seus



Lume de Natal de Santo António das Areias

novos brinquedos ou roupas novas, e tentavam, vaidosamente, mostrar aos outros que os seus presentes eram mais bonitos. Por ali se divertiam até que o sino chamasse, novamente, o povo para a Missa do Meio-Dia. Porque nem só os miúdos eram prendados nessa noite, a hora da Missa do Dia de Natal era altura ideal para cada um vestir a roupita nova com que teriam sido presenteados, ou aquela que cheirando a naftalina, era a reservada para a solenidade do dia. As gentes mais velhas e a miudagem iam-se aproximando novamente do lume, agora mais cinzas do que brasas, de caminho para a igreja. Num dos bancos lajeados, que à volta das duas velhas árvores se erguiam em frente à Igreja, ainda ressonavam dois companheiros, de todos conhecidos, que ali tinham passado a noite, aquecidos por dentro com o bagaço ingerido. Só com o burburinho do pessoal e com o som dos sinos, na última chamada para a Missa, acordavam e, ainda cambaleantes, cada um, em silêncio, lá regressavam a casa, onde as respectivas mulheres os esperavam com ar de poucos amigos!



Aquecer os pés na manhã fria de 25 de Dezembro

Terminada a Missa de Natal, mais uma espreitadela ao lume e regressava-se a casa para se degustar o almocito que neste dia, como mandava a tradição, seria mais rico do que nos outros dias. O almoço, tradicionalmente, cabrito assado, nas casas mais endinheiradas ou, novamente, o bacalhau com couves e batatas que sobrou do jantar

da noite anterior, terminava numa filhós, ou azevia e um copito de qualquer bebida mais espirituosa que acompanhava uma chávena de café de brasa. Machismos, à parte, as mulheres ficavam por casa a lavar a loiça e arrumar o que na noite de Natal saiu do seu lugar. Os homens voltavam a dirigir-se ao largo para ver se o lume ainda se mantinha aceso e comentar as já gastas histórias que todos os anos. Os gaiatos, entretidos com os seus novos brinquedos, enchem o jardim em frente à Igreja, enquanto os mais velhos iam limpar a garganta nas tabernas que nas imediações do Largo mantinham as portas abertas. E assim se passava o Dia de Natal. Quando na década de setenta a Discoteca "A Cave", no edifício da Sociedade fazia furor, o som abafado vindo lá do fundo, chamava a juventude que depois das 15h, começava a abanar-se ao ritmo dos mais graves sons que das caixas negras saíam. Eram já os tempos modernos a marcar a diferença.



Lume de Natal em frente à Igreja da Beirã

Se nos inícios do século XX, por volta de 1928, o Lume de Natal, em Santo António das Areias, terá sido importado da Escusa, algumas dezenas de anos depois, já com a Igreja de Nossa Sr^a. do Carmo, construída na Beirã, em 1943, e esta freguesia autonomizada, começaram as gentes da Beirã também a juntar lenha em frente da Igreja para na noite de Natal ser queimada. Em anos posteriores o lume da Beirã passou temporariamente para o largo em

frente à Escola Velha, onde havia mais espaço. Ao contrário do que inicialmente acontecia em Santo António em a que a lenha era, maioritariamente, "roubada" nas tapadas, na Beirã era por iniciativa dos próprios agricultores que, ou com as suas carroças transportavam a lenha para o Largo da Igreja, ou que comunicavam com a Junta de Freguesia, que se encarregava de fazer o seu transporte. A lenha acumulava-se no larguito frente à Igreja, que nunca poderia ser tão grande quanto o de Santo António, devido à exiguidade do espaço e na noite de 24 de Dezembro, entre as 20h30m e as 21h o Presidente da Junta, ou algum seu funcionário encarregava-se de acender o lume. Após o jantar, sempre e à semelhança do que ainda hoje acontece, vulgarmente bacalhau cozido com couve e eventualmente um ovito, as gentes da Beirã e das pequenas povoações limítrofes, como dos Barretos e Herdade do Pereiro, dirigiam-se ao Largo e à volta do lume esperavam que o sino tocasse, chamando os fiéis para a Missa do Galo. Porque o padre era o mesmo que celebrava a mesma missa nas duas aldeias, num ano a missa era às onze da noite na Beirã e à Meia-noite em Santo António, no ano seguinte trocava-se a hora para ninguém se zangar. Também na Beirã, após a Missa, o lume era local de confraternização, assava-se algum chouriço nas brasas periféricas do lume, vinho e aguardente e, como não podia deixar de ser numa aldeia de Guardas Fiscais e Alfandegários, as garrafas do famoso brandy Pedro Domecq acompanhavam os petiscos que das brasas saíam. Naturalmente, que as



Lume de Natal em frente à Igreja da Beirã



Lume de Natal em frente à Escola Velha da Beirã

gentes iam regressando a casa porque a criançada queria ir, o mais cedo possível, espreitar o sapatinho que tinha sido deixado na chaminé. Depois dos olhitos brilharem ao depararem-se com as prendas que miraculosamente tinham aparecido na lareira, o sono era mais forte e a cama já espreitava. Seguramente, que muitos sonhos se repetiam em brincadeiras com as novas surpresas que o Menino Jesus Ihes tinha trazido. Deitada a criançada os homens regressavam ao conforto do calor do lume e a confraternização, acompanhada pela carne assada e pelos copitos, continuava noite dentro.

Na manhã seguinte os rituais que em Santo António tinham lugar, repetiam-se na Beirã, obviamente com as horas da Missa de Dia de Natal trocadas nas duas aldeias para dar tempo ao mesmo padre acudir aos fregueses das duas comunidades.



Lume de Natal no Largo de Nossa Senhora das Dores na aldeia dos Barretos.



Na aldeia dos Barretos, a partir da década de oitenta do século XX, também se começou a acender um lume de Natal no largo que medeia entre a Capelinha e o velho lavadouro. Aparentemente, este lume terá sido sempre organizado pela Junta de Freguesia da Beirã. Mais recentemente, desde que a taberna do Tapadinhas encerrou portas, por falta de um estabelecimento que fornecesse aquecimento para a alma, o lume passou a realizar-se num outro largo, junto à Casa Baptista. Este lume é geralmente de dimensões inferiores, decorrente da exiguidade do espaço para a sua realização e também ao já reduzido número de pessoas, maioritariamente idosas, que vivem nos Barretos.

Quer em Santo António, quer na Beirã, era vulgar, ou na própria noite de Natal, ou na manhã seguinte, algumas pessoas da comunidade irem buscar brasas ao largo com

que acendiam as próprias braseiras em casa. Esta recolha do lume comunitário, levado para casa de cada um, mais do que o aspecto, aparentemente, económico do acto, parece-nos que transportava em si o revivalismo de um qualquer ritual de apropriação dos ancestrais fogos sagrados purificadores dos espaços. Esta manifestação de recolha das brasas para casa dos membros da comunidade, provenientes do fogo comunitário e de alguma forma considerado sagrado, aparece descrito em múltiplos relatos antropológicos. Se nos inícios da criação dos lumes em Santo António e na Beirã era muito frequente, sobretudo as pessoas que não muito distante viviam, irem recolher brasas, independentemente da sua capacidade financeira, ultimamente, até porque as braseiras caíram em desuso, substituídas por aquecedores eléctricos ou a gás, só raramente aparece alguma mulher, mais idosa e com menos recursos, a procurar algumas brasas para as levar para casa. Constatamos que esse acto, presentemente, que já raramente ocorre, é tido já como algo de estranho. Contudo, porque não há muitos anos, na altura em que o aquecimento do lar era produzido a partir duma braseira no centro da casa, o transporte do fogo comunitário para o lar devia enraizar-se em ancestrais rituais, provavelmente relacionados com a purificação dos espaços.

Seja por que motivo for, o Lume de Natal tem que ser entendido não, exclusivamente, como um aquecedor gigante que é instalado no largo mais central da comunidade, mas como uma manifestação geradora de união comunitária, seja no momento da recolha, seja no momento da confraternização que ocorre em seu torno e que por via desse lume se repartem alimentos e bebidas entre todos os presentes. Esse espírito comunitário, desde a Revolução de Abril de 1974 e da sub-sequente democratização das autarquias locais começou a perder-se em parte. A recolha da lenha deixou de ser de iniciativa popular e essa responsabilidade foi assumida pelas juntas de freguesia embora a lenha tenha a mesma origem, isto é, oferecida pelos proprietários dos terrenos onde ela exista disponível.



O simbólico acto do "apanhar das brasas" na manhã de 25 de Dezembro



O que resta do lume num dia frio de 25 de Dezembro, em Santo António das Areias.

Nos últimos anos temos assistido praticamente por todo o País, porque nenhum Presidente de Junta, ou de Câmara quer perder votos, à proliferação de Lumes de Natal e de Ano Novo, em localidades onde nunca houve qualquer tradição. Mais caricata é a situação quando são as autarquias a ter que comprar aos madeireiros de outras regiões lenha para fazerem lumes de Natal, em regiões onde o tipo de flora natural não proporciona o crescimento de grandes árvores evidenciando que se trata de manifestações sem qualquer enraizamento na tradição local.